



Planejamento participativo e implantação de agroflorestas: uma contribuição à educação popular na Comuna da Terra Dom Tomás Balduino

Participatory planning and implementation of agroforests: a contribution to popular education in Comuna da Terra Dom Tomás Balduino

REZENDE, Eduardo F.¹; OLIVEIRA Jr, Clovis J. F.², FRANCISCO, Pedro C.³; PRADO, Juliana A.⁴; SOBRINO, Wagneyza F.⁵; PERALTA, Marina C. C.⁶

¹ FFLCH (USP), beduflorence@gmail.com; ² IPA (SP), clovis@sp.gov.br; ³ FFLCH (USP), pedro.cfrancisco@usp.br; ⁴ IFCH (UNICAMP), jul.alvarengaprado@gmail.com; ⁵ Assentada, wfsobrinho@outlook.com; ⁶ FFLCH (USP), marina.peralta@usp.br

RELATO DE EXPERIÊNCIA TÉCNICA

Eixo Temático: Educação em Agroecologia

Resumo: Aqui relata-se a experiência do planejamento participativo e implantação de agroflorestas vivenciada na Comuna da Terra Dom Tomás Balduino, em Franco da Rocha (SP). Utilizando-se da metodologia de pesquisa-ação, alinhada aos estudos da construção do conhecimento agroecológico, objetivou promover processos de diagnóstico, planejamento, implementação, avaliação e manejo de SAFs, junto a duas famílias agricultoras. Percebe-se que mesmo o processo estando sob práxis da pesquisa-ação e diálogos de saberes, está sujeito a confusões de traduções e significados, ficando como desafio a plena horizontalização do diálogo a partir de matrizes culturais e linguagens diversas. No entanto, constata-se também a riqueza da experiência, pois além de contribuir com a formação das pesquisadoras/es do grupo, fortalece a comunidade de agricultoras/es em questão, pois promove a conexão campo-cidade, estimula os laços comunitários locais e oferece subsídios técnicos e teóricos à prática agroecológica.

Palavras-chave: agroecologia; diálogo de saberes; construção do conhecimento agroecológico; campesinato.

Contexto

O presente trabalho visa apresentar e discutir o processo de diagnóstico, planejamento e implementação de Sistemas Agroflorestais (SAFs) junto a duas famílias do Assentamento Comuna da Terra Dom Tomás Balduino, ocorrido entre junho de 2022 e maio de 2023.

O assentamento em questão foi organizado pelo Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) e surgiu em 2001, sendo posteriormente o primeiro assentamento formal da Regional Grande São Paulo, por meio do ITESP. Localizado em Franco da Rocha (Região Metropolitana de São Paulo), na encosta da Serra do Japi, possui 192 hectares de extensão de terra que estão distribuídos em três núcleos de moradia. Atualmente 63 famílias residem no assentamento. Já o coletivo que organizou a realização da experiência relatada é composto pelos seis co-autores deste relato.

Buscamos destacar a relevância que os trabalhos realizados de forma participativa trazem no sentido do estreitamento de laços entre os pesquisadores/educadores e a



comunidade, fortalecendo o diálogo de saberes e contribuindo para um maior aprofundamento e fortalecimento da educação popular e ambiental, evidenciando, assim, a necessária indissociabilidade entre extensão, ensino e pesquisa.

Nesse sentido, a noção de construção do conhecimento agroecológico também serviu para qualificar nosso trabalho, na medida em que enfatiza a dimensão local e sistêmica na construção do conhecimento, contemplando a diversidade de sujeitos sociais implicados nesses processos e a interação dinâmica entre saberes acadêmicos interdisciplinares e saberes locais, o que faz do conhecimento agroecológico um conhecimento contextualizado e construído continuamente. Tais processos devem ser viabilizados por metodologias participativas, que incentivem o estabelecimento de relações horizontais e democráticas entre os atores e a relativa autonomia e singularidade do conhecimento produzido em determinado contexto (MARINHO *et al.*, 2017).

Descrição da Experiência

A partir dos princípios da Pesquisa Ação (THIOLLENT, 2007) e da Construção do Conhecimento Agroecológico (PRADO, 2023), o objetivo do trabalho realizado pelo coletivo foi de promover uma atuação que contemplasse os processos de diagnóstico, planejamento, implementação, avaliação/monitoramento e manejo dos SAFs de maneira participativa, junto a duas famílias agricultoras, no contexto dos respectivos lotes. Para tanto, o trabalho foi articulado basicamente em oito etapas encadeadas.

A primeira etapa foi de elaboração de roteiro diagnóstico semi-estruturado. Esta atividade serviu essencialmente como um lastro de referência ao coletivo, não se tratando, assim, da construção de um roteiro de entrevistas, optando-se no caso por conversas livres e dinâmicas que preservassem a espontaneidade das famílias. Foi, portanto, um mediador implícito de toda a trajetória do trabalho.

A segunda etapa consistiu em realizar uma primeira visita de diagnóstico e planejamento participativos. Foram sempre estruturadas por três momentos - a) integração, b) reconhecimento e avaliação das possíveis áreas no lote e c) reunião junto à família, mediada por flip-chart, em que se realizava consulta e levantamento das intenções quanto ao SAF, objetivos produtivos, espécies de interesse e etc., bem como a elaboração do plano de implementação e do desenho esquematizado da agrofloresta a ser implantada.

A terceira etapa foi de realizar uma primeira sistematização das informações levantadas, a partir da obtenção de materiais-produto: a) Roteiro diagnóstico preenchido; b) Planilha-croqui de desenho do sistema; c) Listagem, contagem e proporção de mudas/espécies.

Na quarta etapa ocorrem as visitas de retorno, onde apresentamos, complementamos e referendamos a sistematização junto às famílias assentadas, no



que se refere ao levantamento das informações, à proposta inicial de desenho do sistema, bem como definição final das espécies e respectivas proporções.

Na quinta etapa realizamos a sistematização de conclusão do diagnóstico e planejamento participativo. Realizamos a atualização e complementação dos três materiais-produtos sinalizados na terceira etapa. Cabe aqui esclarecer que não se trata do efetivo encerramento do diagnóstico/planejamento participativo, que pode e deve ser um processo de contínua renovação, mas apenas um momento provisoriamente conclusivo, já que tanto o roteiro quanto tabelas e desenho não só foram como ainda podem ser constantemente atualizados na continuidade do processo de implementação, incluindo o longo prazo.

Na sexta etapa ocorreram os mutirões de Implementação dos SAFs (Figuras 1 e 2). Tais práticas foram regidas pela busca de conciliação entre o caráter formativo-dialógico e o caráter objetivo-prático do trabalho de implementação, e nesse sentido, portanto, pela valorização da práxis enquanto ambiente pedagógico e dialógico de construção dos saberes. Os mutirões foram realizados em dois dias de trabalho, sendo estes divididos em dois momentos: a) diálogo inicial - formativo, com fundamentação teórica e orientação das ações e divisão de tarefas - e b) mutirão de trabalho coletivo - ação prática, em que no 1º dia as ações foram de separação de mudas arbóreas (produção e adubadeiras), limpeza do mato, e abertura/escavação de berços, e no 2º dia, plantio das mudas e plantio de sementes/estacas de espécies adubadeiras não-arbóreas.

Figura 1. Mutirão no lote de Paco e Bete



Fonte: Eduardo Florence, 2022



Figura 2. Mutirão no lote de Antônio e Maria



Fonte: Eduardo Florence, 2022

A sétima etapa se constitui em visitas de avaliação participativa. Em cada lote, a avaliação ocorreu em dois momentos: a) caminhada de reconhecimento e avaliação da área após o plantio, bem como conclusão do croqui, e b) reunião de avaliação - balanço coletivo do trabalho, perspectivas de manejo conseguintes e levantamento dos indicadores para monitoramento do sistema.

A oitava e última etapa foi de mutirão de manejo do SAF. Até o momento, tal etapa somente ocorreu no lote de Antônio e Maria, onde retornamos após alguns meses de implantação do SAF para realizar o manejo do sistema (Figura 3). As atividades realizadas ocorreram de acordo com as demandas da agricultora e do agricultor residentes no lote, como capinagem e roçagem do terreno, acréscimo da cobertura do solo, plantio de sementes adubadeiras, adubação das mudas de árvores, etc.



Figura 3. Mística de início do mutirão no lote de Antônio e Maria



Fonte: Eduardo Florence, 2023

Resultados

Um dos desafios encontrados, foi o de alinhar o processo de planejamento/implantação dos SAFs com a expectativa dos/as agricultores/as. Notamos que a agrofloresta, muitas vezes, é entendida apenas no seu caráter restaurativo do ecossistema local, através do reflorestamento e da regeneração do solo, ou então como um sistema que dará retorno financeiro somente a longo prazo - baseado na produção de frutíferas, em especial aquelas com maior valor de mercado. Embora estas duas dimensões constituam também o que propõe os Sistemas Agroflorestais, notamos que é fundamental um planejamento que pressuponha a viabilidade econômica a curto prazo, levando-se em consideração a mão de obra familiar e a dependência que a família possui deste sistema de produção para a geração de renda.

Faz-se necessário também a sensibilização para o fato de que cada família - e cada integrante no interior de uma mesma família - terá um olhar e uma forma de manejar o sistema, de modo que a comunicação e a participação tornam-se elementos centrais neste processo. O diálogo de saberes, inserido no campo da comunicação, é intensamente sujeito às confusões de tradução e significados, tendo em vista o seu propósito de colocar em diálogo horizontal e participativo saberes de matrizes culturais e linguagens diversas, sendo portanto um desafio para a Agroecologia operacionalizá-lo na construção social de projetos. É importante que se desenvolvam metodologias que estimulem a participação crítica de todos os sujeitos, de modo que sejam expostas suas expectativas e intenções, bem como seus saberes em agricultura, valorizando a construção coletiva, plural e democrática de projetos e conhecimentos. Tais princípios são imprescindíveis para a



estruturação de processos de transição agroecológica contextualizados e significativos para a vivência da comunidade.

Podemos verificar um desencontro comunicacional, por exemplo, entre o que o coletivo enxerga como uma agrofloresta e o que alguns integrantes das famílias enxergam. O coletivo trabalha com o conceito da agrofloresta sintrópica, biodiversa e multiestratificada, entendendo, portanto, que a agrofloresta não assume apenas a forma de uma agricultura florestal, de característica notadamente arbórea, mas, principalmente, a sua função, representada pelas dinâmicas ecológicas existentes num ecossistema florestal. Em ambas as famílias, percebemos que há uma tendência em enxergar a agrofloresta apenas no que tange à forma-floresta, não abarcando em igual medida a função-floresta em seu corpo de significados. Nesse sentido, propomos para o atual e futuros projetos voltados à transição agroflorestal, uma maior ênfase na construção do conhecimento voltado às dinâmicas, manejos e funções da agrofloresta ao longo do tempo, seus princípios ecológicos, ao invés do foco em seu desenho e estrutura.

Também nos identificamos com as conclusões da pesquisadora Tatiana Abdalla, a qual analisou em sua dissertação as contribuições e limitações dos sistemas agroflorestais na prática agroecológica, sinalizando para a necessidade da integração dos SAFs no cotidiano de trabalho familiar, da realização de mutirões na comunidade, da condução de projetos com acompanhamento de longo prazo, e da manutenção de políticas públicas que levem em consideração as especificidades da agricultura familiar camponesa (ABDALLA, 2023).

Ressaltamos, por fim, o entendimento deste coletivo de que o presente projeto tem cumprido um papel fundamental no fortalecimento da luta pela Agroecologia. De um lado, contribui na formação das/os pesquisadoras/es do grupo, à medida em que coloca em movimento os conceitos discutidos teoricamente, dando sentido e concretude às ideias que nós defendemos, em relação ao bem-viver, à produção de alimentos saudáveis, e ao pleno desenvolvimento rural sustentável, com redução das desigualdades sociais. Por outro, fortalece a comunidade de agricultoras/es em questão, pois promove a conexão campo-cidade, estimula os laços comunitários locais e oferece subsídios técnicos e teóricos à prática agroecológica. Deste modo, podemos enxergar as potencialidades e limitações deste processo, contribuindo, assim, na construção do conhecimento agroecológico.

Agradecimentos

Agradecemos muito a todos as assentadas e os assentados que participaram ao longo de toda a construção desse trabalho até o momento. Gratidão às pessoas externas ao MST que também participaram e contribuíram nos trabalhos.

À Fapesp pelo apoio financeiro à pesquisadora Marina C. C. Peralta (processo nº 2021/07257-3, Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP)). As opiniões, hipóteses e conclusões ou recomendações expressas neste



material são de responsabilidade do(s) autor(es) e não necessariamente refletem a visão da FAPESP.

Referências bibliográficas

ABDALLA, Tatiana Graeml. **Sistemas agroflorestais no assentamento Bela Vista (Iperó, SP): Contribuições e limitações sob a ótica de famílias agricultoras.** Dissertação (Mestrado em Agroecologia e Desenvolvimento Rural) - Centro de Ciências Agrárias, Universidade Federal de São Carlos. Araras, 2023.

MARINHO, Cristiane. M.; MATTOS, Jorge. L. S.; FREITAS, Helder. R.; NETO, Moises. F. de C. Agroecologia e construção do conhecimento agroecológico: questões conceituais, constituição e experiências. **Extramuros**, Petrolina-PE, 5(2), p. 22-38, 2017.

PRADO, J. A. **Processos de construção de saberes em agroflorestas: estudo de caso na Comuna da Terra Dom Tomás Balduino.** Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Agroecologia com ênfase em Agrofloresta) - Instituto Federal Catarinense. Concórdia, 2023, 60 p.

THIOLLENT, Michel. **Metodologia da pesquisa-ação.** 15 ed. São Paulo: Cortez Editora. 2007.